

COMPLEMENTAÇÃO ÀS TRÊS FASES NA VIDA DA A. C. I.

Oficial do mesmo officio, com a sua vênia, que estou certo jamais deixaria de me conceder já por sua formação liberal de principios e convicção, já por sua tolerância proverbial, estou em aqui a pretender complementar com algumas linhas, «as três fases na vida da A.C.I.», tão bem situadas e descritas por João Lanaro, em bem lançada coluna no Correio Popular, edição de 16 do corrente.

Eu não situaria, na vida da Associação Campineira de Imprensa, apenas aquelas três fases, que com a permissão daquele confrade, chamaria de três fases de ouro. Iria mais além. A vida da A.C.I., na verdade, — e ele também sabe disso — constitui-se de uma multipla sucessão de fases, quase todas elas áureas, indistintas entre si, contadas pelos dias todos de sua vida, desde o evento do seu aparecimento, pela proposição corajosa e idealista de Norberto de Souza Pinto, que por vezes haveria de ter chegado ao extremo de se desligar não apenas de sua função de professor emérito, mas de seus mais diretos interesses pessoais, custando-lhe certamente muitas horas de insônia e multiplos instantes de preocupações, para se dedicar à fundação da A.C.I., que aí está, dir-se-ia mesmo que ressurgida, a cada dia com um renovado e cada vez mais vivo alento, em busca do seu melhor e mais radiante destino.

De Norberto de Souza Pinto, lídimo e histórico patrono da sua fundação, aos dias atuais, quando a A.C.I. atinge realmente, não a fase ideal de sua vida e de sua projeção como entidade de classe dos trabalhadores do jornal nesta terra, porque esta foi sempre a tônica de sua vida, mas a fase da concretização do seu sonho, isto é, do sonho daqueles que a conduziram e a vêm conduzindo no limiar do marco deste meio século de existência, desse sonho que é, inelutável e contínuo, a construção de sua sede própria, outros tantos idealistas e verdadeiros batalhadores desta causa, engrossaram as fileiras da Associação Campineira de Imprensa ao longo de sua vida, que se nem sempre

foi bem sucedida, conseguiu sempre, pelo esforço e obstinação dos que estiveram e estão à frente de seus destinos, superar todas as vezes, com galhardia, o numero de problemas que se antepunham à sua caminhada.

De Norberto de Souza Pinto, seu fundador, até Carlos Tontoli seu atual presidente e obstinado implantador do arrojado plano de levantar a sede própria, já em adiantado estado de edificação ali à Rua Barreto Leme, ao lado do Paço Municipal, muitos, mas muitos mesmo, foram os que, vislumbrando a concretização desta empreitada, lhe dedicaram o melhor de seus esforços, muitas e muitas vezes enfrentando dificuldades inauditas e arrasando situações as mais adversas, causando-lhes não poucas contrariedades e preocupações, quando não até os maiores dissabores e até mesmo prejuizos e toda sorte, de que fui testemunha menos como participante do que como espectador, todavia solidário com todos quantos se colocavam na linha de frente das muitas batalhas travadas, até mesmo heróicamente, para que a A.C.I. não viesse a sosso-prar nas muitas marés terrivelmente tumultuadas que lhe marcaram a existência.

Não posso prescindir, a esta altura, de citar alguns nomes, está visto que não todos, porque me trairia o tempo e a memória, dos que se dispuseram, no passado, a dirigir e trabalhar pela A.C.I.: Solon Borges dos Reis, João Lanaro, João D'Oliveira Toledo, Braulio Mendes Nogueira, Benedito Cavalcante Pinto, Ernesto Napoli, Francisco Soares e até mesmo o saudoso jornalista Luso Ventura, seu presidente em uma das épocas mais difíceis da entidade, além de muitos outros, todos heróis naturais que conseguiram, um dia, ou uma noite, evitar viesse a A.C.I. a deixar de existir, o que hoje, todos sabem, seria terrivelmente lamentável.

Um desses nomes, entre aqueles, entretanto quero agora destacar. É ele o de João Rodrigues Serra, que hoje, por uma dessas desidias da vida o destino mantém

recolhido, quase impossibilitado de estar fisicamente participando desta nova fase da Associação Campineira de Imprensa.

Mas certo será que, de seu recolhimento, estará ele, em pensamento e empenhadamente, presente a este novo evento dessa que foi a sua ACI. Por várias gestões, como seu presidente, João Rodrigues Serra esteve à frente dos destinos dessa entidade, dando-lhe o que de melhor ele podia dar: o seu trabalho, a sua dedicação, a sua afeição a tudo que se relacionasse com ela. Jámais encontrou dificuldades ou canseiras para procurar resolver os seus problemas, indo atacá-los onde eles estivessem, como se fosse a sua própria vida ou a sua própria casa que estivesse em perigo. Os radiantes dias da ACI de hoje, no limiar de ver finalmente concretizada a realização do seu maior sonho, ou seja, o da edificação da sede própria, devem muito a João Rodrigues Serra, que por diversas vezes, nas piores situações da entidade, assumiu a sua presidência, onde o aguardavam novas e ingentes lutas.

Diria mesmo, sem favor, ter sido ele o trabalhador numero 1 para que o empreendimento de hoje esteja aí plenamente vitorioso. Muito do seu trabalho há de estar vibrando, imperceptivelmente, na musicalidade dos instrumentos e da vitalidade dos operários que neste instante se empregam na edificação das paredes da casa que será em futuro próximo, a nova Associação Campineira de Imprensa.

É esta meu caro João Lanaro, a complementação que queria apor às três fases na vida da ACI, tão lembradas na bem feita e honesta coluna do amigo e confrade. Estou certo que ele próprio, não fosse o correr celere da pena na elaboração do seu trabalho, a teria aditado, num sopro de respeito e admiração que jamais deixou de ter perante todos quantos construíram, com seu trabalho, a história de ontem e de hoje, da Associação Campineira de Imprensa, história que está levando esta entidade jornalística à difícil e trabalhosa concretização de sua sede própria.

